

Produção de Conhecimento: profanações do método na pesquisa

Organização:

Neuza M. F. Guareschi | Carolina dos Reis | Oriana H. Hadler



ABRAPSO EDITORA

Produção de Conhecimento: profanações do método na pesquisa

Organização

Neuza M. F. Guareschi
Carolina dos Reis
Oriana H. Hadler



ABRAPSO EDITORA
Porto Alegre
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Produção de conhecimento [livro eletrônico] :
profanações do método na pesquisa / organização
Neuza M. F. Guareschi , Carolina dos Reis ,
Oriana H. Hadler. -- 1. ed. -- Florianópolis,
SC : ABRAPSO Editora, 2020.
PDF

ISBN 978-65-88473-04-7

1. Conhecimento 2. Informação 3. Metodologia 4.
Pesquisa científica 5. Psicologia I. Guareschi, Neuza
M. F. II. Reis, Carolina dos. III. Hadler, Oriana H.

20-52329

CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa científica 001.42

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Arte da capa: Laura Schaefer. Escada, 2015.

Diagramação: Martina Hotzel

5

Memórias Inventadas do Endividamento: experimentações ficcionais de si como método

Anete Regina Cunha

Luis Artur Costa

A concreção do “fazer viver” na operação narrativa: heterotopias de si

Sebastião, um idoso pobre, viúvo, vive sozinho em seu casebre e locomove-se com dificuldades. A pequena casa, uma mistura de tijolos sem reboco e madeiras sem pintura, exala um cheiro forte de fumaça do fogão a lenha, pois Sebastião, criado na roça no interior do estado, não se acostuma com comida feita no fogão a gás. Ao lado do fogão a lenha, há uma pia e uma geladeira nova, que chama a atenção de quem entra. Um sofá velho e uma mesa com duas cadeiras completam a mobília do pequeno cômodo. Separada por uma cortina, pode-se ver uma cama de casal e uma pequena cômoda, a qual provavelmente guarda os trapos e farrapos de uma vida que cobrem o corpo cansado de Sebastião. Corpo forte e franzino: em um só tempo, marcado pela dura labuta diária que lhe definiu os músculos e pela passagem do tempo que lhe levou o viço, afinou os membros e venceu a pele em muitas dobras. Desde a morte da esposa, há quase 5 anos, Sebastião

mora sozinho. As filhas e filhos pouco vêm visitá-lo, talvez uma ou duas vezes no ano, mas ele não se importa, sabe que eles têm suas vidas para cuidar. Sebastião não quer ser um peso. Sempre trabalhou como jardineiro. Primeiro, em grandes empresas da cidade; depois, ficando mais velho e cansado, acabou sendo demitido. Então, comprou uma carroça e fazia pequenos bicos de jardinagem nas casas mais abastadas. Mas a idade, a doença da esposa, o problema nos joelhos, o desgaste na coluna, o tempo passando, tudo isso fez o trabalho diminuir muito, e Sebastião teve que vender a carroça e o companheiro Escadinha. Escadinha era um amigo equino, um companheiro de longas jornadas pelas ruas da cidade, entre carros e buzinas, árvores e jardins, casas e passantes. Sem dinheiro para a ração, Sebastião teve que vender Escadinha, sua última escuta do dia a dia. Surpreendeu-se com as lágrimas. Achava que já haviam secado por inteiro. Chorou uma noite toda um choro sofrido, chorou por Escadinha, pela solidão companheira de todos os dias, pelo padecimento da vida, pela esposa falecida, pela roça há tanto tempo perdida, e, entre um soluço e outro, adormeceu. Sem Escadinha, sem trabalho, vivendo da parca aposentadoria, Sebastião acordava todos os dias pela manhã para preparar seu chimarrão, ouvia as notícias no rádio, divididas entre a violência, que ele entende que aumenta a cada dia, e as notícias de que a economia vai melhorar e que o Sr. Presidente vai aumentar o Bolsa Família. Todo dia, no fim da tarde, vai até o mercadinho do Sr. Silveira comprar alguma coisa. Compra pingadinho – um pão ali, um saco de leite lá, um pacote de bolachas acolá. O dinheiro pouco é contado. Gasto a conta-gotas. Mas, na verdade, esse vai e vem ao mercado serve mesmo é para puxar uma conversa diária e espantar um pouco a solidão no final da tarde, que anuncia a longa noite insone. Foi lá no mercadinho que conheceu Leontina. Leontina tinha um sorriso até que bonito, cabelos negros, lisos e compridos, tez parda, boca larga ressaltada pelo batom vermelho, que lhe avivava ainda mais o olhar aguçado de quem tem fome de vida. Usava um perfume simples e doce que lembrava alfazema. Tinha um jeito meio tímido,

mas decidido, que agradou a Sebastião. Era bem mais nova que ele, mas naquela hora, no mercadinho, um impulso assombrou-o, e ele fez um elogio delicado que Leontina gostou. A inocência do comentário de Sebastião fizera-lhe sorrir. Conversaram ali mesmo. Era gostoso sentir-se segura e acariciada pela atenção de Sebastião. Leontina, assim, aceitou tomar um chimarrão. Leontina, há muito sem pai nem mãe, fugida da casa da sogra e da violência do marido, deixara para trás os filhos e estava sozinha na vida, dependendo de pouso na casa de uma conhecida. Sebastião, sozinho também. Leontina, ainda jovem, apesar dos mais de 40 anos, ainda bonita aos olhos e ao desejo de Sebastião. Leontina trouxe todos os seus poucos pertences dentro de uma sacola plástica. Trouxe também a vida, a companhia para o chimarrão pela manhã e a cama aquecida nas noites frias. E assim viveram por mais ou menos seis meses. Sebastião remoçou, comprou um refrigerador novo em 24 vezes, mas valeria a pena, afinal, Leontina merecia beber a cerveja gelada que ela gostava tanto. Mas a vida é uma sucessão de encontros e desencontros, som e fúria. Um dia, os olhos de Leontina encontraram os de João, um caminhoneiro que estava de passagem pela cidade. Ela resolveu ir embora com ele, foi tentar outra vida em outras estradas.

“E essa é a história”, diz Sebastião, cabisbaixo e envergonhado, para a fisioterapeuta que o atende em função do grave problema nos joelhos. Sebastião conta para ela que, depois que Leontina foi embora, não apenas está quase sem conseguir caminhar de tanta dor, como também, para completar, está sendo ameaçado pelo vizinho e ex-amigo, “Seu Silveira”, dono do mercadinho, que lhe quer cobrar uma dívida alta. Sebastião diz que não, que a conta não é dele e que não tem como pagar. Diz que essa conta quem fez foi Leontina e que ele não sabia dessas compras. A fisioterapeuta recomenda-lhe que peça ajuda. Ele retruca que não quer saber de ninguém se metendo em sua vida e prefere morrer com a dignidade que lhe resta. A profissional da saúde pública, preocupada com Sebastião, faz uma denúncia ao CRAS e ao CREAS responsáveis pela região. Em reunião de Rede para discutir

o caso, a agente de saúde do território acredita que ele deve arrumar dinheiro para pagar a conta, pois quis viver com uma mulher bem mais nova que ele. A assistente social do CRAS acha que o idoso deve ser abrigado para proteger-se das ameaças do vizinho. Outra assistente social diz que vai verificar se o idoso tem cadastro único e se recebe algum benefício, pois assim poderia pagar a tal conta. A psicóloga do CREAS lembra que poderiam procurar os filhos de Sebastião e acionar a família extensa para que cuide do idoso e o tire da situação de risco. A agente relata que Sebastião se recusa a sair da casa para ir ao abrigo: prefere morrer a não poder viver sua própria vida em seu próprio canto. Por fim, a equipe encaminha sua internação em uma instituição de longa permanência para idosos.

Em uma manhã de junho fria e chuvosa, a psicóloga, um agente de saúde, um enfermeiro e dois guardas municipais pisam no barro mole encharcado e abrem a frágil porta da velha cerca que delimita o terreno da casa. Chegam diante da porta e batem insistentemente. Gritam o nome de Sebastião algumas vezes. Estão a ponto de derrubar a fina porta de madeira quando vagarosamente ela é aberta e revela o frágil e caquético corpo de Sebastião, usando apenas bermudas, chinelo e um casaco puído pelo tempo. No entanto, os olhos de Sebastião expressam toda a indignação que aquele momento enseja. Ele tenta enfrentar as indesejadas visitas. Raivoso por antever a violação, o velho senhor resmunga: “o que vocês querem aqui?!”. Sem aviso, um dos enfermeiros agarra com cuidado e firmeza o pálido e magro braço de Sebastião, os dedos da mão do enfermeiro sobram em meio ao membro varapau. Sebastião tenta desvencilhar-se do contato, mas sua força não é suficiente; ergue os olhos firmes para o enfermeiro em meio a medo e revolta, enquanto a psicóloga lhe explica, com voz calma, que ele será levado para um bom lugar, seguro, onde será cuidado. Assistindo à cena, um dos guardas municipais lembra-se de seu velho pai, da morte anunciada e dos dias sombrios que passa no hospital ao lado dele, relutando com a ideia do descanso eterno. O guarda vai esperar no carro, não suporta aquela cena de horrores

vestida de cuidado: sente o peito apertado e dolorido, tanto quanto o braço esquelético de Sebastião na mão do enfermeiro. Percebendo a arapuca, Sebastião amaldiçoa seus tutores com as mais baixas palavras, insulta antepassados de todos os presentes, profetiza mortes e danças, mas de nada adianta tamanha e fervorosa discussão. Resignado, vagarosamente junta seus poucos pertences em uma sacola quase tão velha quanto ele. Trêmulo e exausto, marcha em passos miúdos em direção ao carro da prefeitura, sem se importar com a lama onde afunda os pés. Na rua, em volta do carro, a vizinhança se alvoroça e profere palavras de ordem – algumas de apoio aos técnicos da prefeitura, por sua preocupação e cuidado com Sebastião; outras de revolta pelo maltrato com aquele idoso, que quer viver ou morrer sozinho e em paz. Assistindo a tudo, Seu Silveira, dono do mercadinho, permanece imóvel, testemunhando a cena, absorto em seus pensamentos, lembrando que a dívida não será paga, mas angustiado frente à ideia de que o melhor para Sebastião está sendo feito. O carro da prefeitura afasta-se, indiferente ao alvoroço. Seu Silveira fecha a porta do bar; hoje não está se sentindo bem.

Nos meses que se seguiram, a psicóloga visitou Sebastião no abrigo algumas vezes. Encontrou-o sempre sentado no refeitório, com os olhos vidrados na janela. Ainda que demonstrasse certo abatimento, negando-se a falar com ela, a jovem psicóloga sempre sentia certo alívio ao encontrá-lo, pois imaginava que, do contrário, poderia estar morto, assassinado pelos credores ou simplesmente falecido de causas naturais por não ter alguém para cuidá-lo em sua pequena casa. A psicóloga sabia da triste sina de Sebastião, mas acreditava que, mesmo em meio a tanto tédio e desamparo, mais uma vida havia sido salva de um desfecho ainda pior. No entanto, quando deitava em sua cama, antes de dormir, certa aflição sempre assaltava suas memórias. Poderia ele ter tido uma vida mais digna com o risco da morte? Poderia a proteção da equipe do CRAS e do CREAS ser pior que a prisão final a sete palmos do chão, em uma caixa de madeira

barata, no meio do campo santo? Qual a vida que valeria a pena ser vivida? Proteger a vida é garantir a sobrevivência?

Em momento algum, na reunião que decidiu os rumos de Sebastião, os profissionais questionam-se se talvez não fosse mais importante para ele viver sozinho em sua casa do que ser tutelado e ter resguardada sua sobrevivência. Afinal, ele já viveu tanto, passou por tantas coisas, construiu sua casa, sua pequena vida, e prefere morrer a ter de depender de alguém, de alguma instituição, depois de tanta luta para ser um homem só. O que acontece entre nós que faz com que os modos de existência dos miseráveis, das vidas precárias, devam ser combatidos, governados, corrigidos? Combatemos os modos de existência da pobreza na mesma medida em que são esses modos de existência que nos fazem existir como trabalhadores das políticas públicas? Acreditamos nós que Sebastião tem uma dívida moral e subjetiva conosco, enquanto somos nós que dele dependemos? Ao apresentarmos tal questão, endividamos e culpabilizamos ainda mais tais profissionais, que já convivem com a precariedade e incompreensão do Estado e da sociedade? Como opera esse imperativo de fazer viver no contemporâneo, gerindo as vidas dentro de uma norma e de muitas dívidas, negando a possibilidade de outras formas de viver ou morrer?

Uma endividada: articulando Figura Estética e Personagem Conceitual na acontecimentalização das condições de possibilidade do dizer

A narrativa que principia este texto é uma versão e uma amostra dos muitos outros fragmentos ficcionais cerzidos pelo trabalho a partir do qual elaboramos este artigo (CUNHA, 2017). É uma narrativa produzida para tecer problemas acerca das práticas da assistência social no que tange aos governamentos (VEIGA-NETO, 2005) da pobreza: tensionar os conceitos, percepções e afetos que se agenciam

e constituem as máquinas cotidianas do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e demais políticas associadas a esta (Saúde, Segurança, Educação, Seguridade Social, etc.), para problematizar essas práticas e suas produções. Tal narrativa serve de usina onde se forja a protagonista da investigação, a personagem Leontina: Figura Estética constituinte de um bloco de perceptos e afectos (DELEUZE; GUATTARI, 1992), o qual nos permite erigir, por sua vez, a Personagem Conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 1992), “uma endividada” que cerze um complexo, heterogêneo e sensível conceito de endividamento a partir do agenciamento de elementos sensíveis-inteligíveis do plano pré-filosófico em máquina-mundo. Consideramos, aqui, “conceito” não como uma palavra ou definição, mas sim como uma rede de termos, operações, elementos sensíveis, a qual se articula de modo autopoietico-maquínico na produção de uma perspectiva-mundo (DELEUZE; GUATTARI, 1992). A Personagem Conceitual amarra no plano pré-filosófico a máquina-conceito: condição de possibilidade não só para tornar operável, tangível e inteligível esse conceito de endividamento, mas também para colocar em questão suas modulações subjetivas, morais, econômicas e ontológicas nas dinâmicas de consumo da lógica capitalística.

Nessas narrativas, assim como Sebastião fez acima, Leontina opera como Figura Estética que erige uma Personagem Conceitual ao dar corpo às diferentes articulações das práticas de governo em sua ação de “fazer viver” (FOUCAULT, 2008b; 2008a) e fazer morrer (MBEMBE, 2016) trazendo-as em seus complexos arranjos cotidianos sensíveis e inteligíveis por meio do agenciamento de diferentes estratégias metodológicas na confecção do seu plano problemático: a autoetnografia (FELIU, 2007), a autoficção (PEREIRA, 2009), a biografemática (FONSECA *et al.*, 2015), a ficção como método (COSTA, 2014; SAER, 1997), a Personagem Conceitual (COSTA; FONSECA, 2016) e o delírio como método (FONSECA *et al.*, 2010). O corpo da pesquisadora que opera tais dobradas, superfícies e tensionamentos narrativos não é um corpo qualquer: trata-se de

uma vida atravessada pelas práticas da assistência social, área na qual atuou como profissional por mais de 20 anos. Esse corpo tramado nas linhas da assistência serve de laboratório, de condição de possibilidade para a invenção e experimentação da ficção e do delírio. Tal escrita não possui o caráter de testemunho (FONSECA *et al.*, 2015) ou ilustração de conceitos com eventos vividos. Antes de tudo, trata-se de uma etografia (FOUCAULT, 1985), ou seja, da escrita tornada espaço de experimentação no deslocamento de si mesmo: escrita de si como experimentação de outramento em um texto tomado como laboratório de criação do objeto, e não como seu território de comunicação.

Leontina, figura estética que dá passagem à nossa Personagem Conceitual, não é um mosaico de casos encontrados, muito menos um *alterego* submetido à autora. Usualmente, o termo *alterego* refere uma estratégia para o autor colocar-se no texto sem se expor por completo; no entanto, aqui falamos do espaço de construção de uma nova possibilidade de pensamento e sensibilidade. Leontina é a ação de deslocamento dos regimes de dizibilidade, visibilidade, performatividade, etc., construídos no decorrer de 20 anos de trabalho por essa profissional da assistência que aqui se experimenta escritora em uma reescrita de si e do seu campo profissional.

A ficção na Figura Estética de Leontina busca operar a crítica que acontecimentaliza nossos sistemas de aceitabilidade implícitos-explícitos em nossos cotidianos (FOUCAULT, 1990), levando-nos, pouco a pouco, à construção da Personagem Conceitual “Uma Endividada” como ferramenta que opera uma amarra dos termos e elementos dessa experiência em uma máquina-conceito, a qual produz uma inteligibilidade outra ao trabalho de sempre: espelho heterotópico, *alteregoico*, que nos faz ver as asperezas do governmentamento da pobreza em meio às aveludadas práticas de cuidado na assistência.

Uma endividada emerge como personagem conceitual possível para ofertar inteligibilidade às narrativas sensíveis da Figura Estética: surge uma condição de possibilidade da criação de conceitos em meio

ao plano pré-filosófico dos arranjos estéticos de percepções e afetações (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Emerge nas narrativas das Memórias Inventadas uma estilística do endividamento que opera nos usuários e profissionais da assistência, tanto na medida do endividamento econômico (redes de crédito e consumo), quanto no endividamento moral (juízos acerca da incapacidade de governar a si, sua família, o trabalho) e subjetivo (perante a lógica benemérito-assistencial pela qual devem estar gratos). Tais arranjos sensíveis promovidos pela Figura Estética Leontina levaram-nos a uma saturação desse campo em uma individuação do conceito de endividamento, tomado como máquina autopoiética, produzindo, a partir do plano pré-filosófico (estético-vivencial) pelo Personagem Conceitual (implícito na narrativa como condição de possibilidade), “Uma endividada”: com Leontina, vemos mecanismos nos quais a sociedade de controle (DELEUZE, 1992) afirma relações de consumo-motivação, de mercados e desejos, em que “o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. E, por intermédio de um consumo frenético, e da facilidade de contrair dívidas, passa a dar valor ao consumo como forma de inserção e pertencimento psicossocial.” (TAVARES, 2015, p. 4).

Leontina torna-se um dispositivo que nos permite problematizar e fazer ver, de modo tanto sensível quanto inteligível, tais práticas do endividamento econômico, moral e subjetivo (HARDT; NEGRI, 2014) operando mediante as Políticas Públicas para promoção dos Direitos Sociais: políticas sociais como estratégias de governmentação da população empobrecida, em uma racionalidade neoliberal que pretende incluir a todos nos jogos de mercado, reduzindo o risco social e constituindo sujeitos produtivos, responsáveis por sua autogestão (LOCKMANN, 2013). Leontina ajuda-nos a dar corpo aos afetos envolvidos nas práticas que endividam os sujeitos pobres da população brasileira para que estes invistam em si mesmos, de um modo que lhes permita jogar o jogo do mercado, participando, mesmo que em posições precarizadas, da lógica competitiva posta pelo

neoliberalismo. Trata-se de fazer com que cada um desses sujeitos se torne um empresário de si mesmo.

Vivemos deslocamentos por meio de Leontina (como dispositivo de contágio afetivo-perceptual e produção conceitual) na concretude da experiência em algumas séries de singularidades das práticas da assistência social, dando mais intensidade e complexidade à visibilização das linhas de tensionamento entre promoção de direitos e tutela de condutas. Tais linhas tomam corpo na narrativa pela articulação do cotidiano de Leontina com, por exemplo, os programas de transferência de renda condicionada, os quais, ao mesmo tempo em que não permitem que os sujeitos fiquem excluídos do jogo do mercado, nunca podem lhes oferecer condições para aceder a outros padrões de vida. Aporia de duplo vínculo: sempre em movimento, em uma espécie de paradoxo negativo em que não é possível viver fora do mercado, nem completamente dentro dele; em que o acesso aos benefícios está condicionado a uma dívida social, a ser paga com comportamento que nunca é completamente adequado. Essas estratégias de governo produzem, por vezes, um deslocamento da noção de direitos sociais para a noção de dívidas sociais (LOCKMANN, 2013).

A psicóloga vai embora da visita, e Leontina continua sentada no pequeno sofá da casa, imersa em seus pensamentos, travando seu monólogo particular, em uma mistura de indignação, raiva, sofrimento e resignação. *Como posso dar conta de tantas coisas ao mesmo tempo? Nem que meu dia tivesse 48 horas eu conseguiria fazer tudo que me mandam – trabalhar oito horas por dia, perder quase quatro horas só nos ônibus e nas paradas, ir à escola das crianças, fazer comida, lava roupa, ir aos atendimentos no CREAS, ir aos grupos no CRAS, ajudar as crianças nos temas da escola, logo eu que nem sei ler direito?! Será que essa psicóloga não tem vida? Será que ela faz tudo isso sozinha ou tem empregada, marido, uma mãe, uma sogra para ajudá-la? E ainda as crianças têm que se comportar bem, não podem brigar na escola e, se não aprenderem, é porque têm problema na cabeça, daí já tem que levar no neurologista, no psiquiatra do CAPS, tem que tomar remédio, nunca*

a culpa é dessas professoras. E agora, meu Deus? Dá-me um cansaço só de ficar aqui pensando nisso tudo, nem sei o que fazer primeiro, e também já estou ficando velha, às vezes me entretenho com alguma coisa em casa ou na vizinha e me esqueço dos atendimentos, e daí lá vem a psicóloga ligando para o meu celular para me atordoar porque eu não fui à consulta. Mas para que ir à consulta? Para ela me cobrar de tudo aquilo que eu não fiz e que tenho que fazer? Para me dizer que tenho que colocar o Jurandir para fora de casa se ele continuar no tráfico? Mas ele também é meu filho e ele, sim, me ajuda. Mesmo que seja fazendo muita coisa errada, ele é o único que não me pede nada e ainda traz dinheiro para dentro de casa. Como é que ela pensa que eu vou dar de comer para essas crianças, sem dinheiro? Eu sei, eu tenho gato da luz e da água, mas tenho que pagar o gato para o vizinho. Com que dinheiro ela acha que eu pago tudo isso?

Leontina lembra-se de Isaura, sua conhecida dos tempos em que morou com Sebastião, e pensa que talvez ela estivesse certa nessa vida de tantas coisas incertas, afinal, Isaura não estava nem aí se lhe cobravam dívidas e dizia: “foda-se, devo, não nego, pago quando quiser e se quiser”, ela dizia, debochando de seus credores. Isaura ria na cara das cobranças da psicóloga, da assistente social e do dono do mercadinho. Ria também das cartas com cobranças da escola, do crediário e do cartão da loja. Dizia que não tinha nada a perder e, por isso, nada a temer (CUNHA, 2017).

A ficção como método pelo hibridismo entre as artes e as ciências: singularidade, complexidade e crítica

Como já vimos acima, na pesquisa que aqui apresentamos, escolhemos problematizar essas operações de endividamento articuladas às práticas da assistência social a partir de uma relação possível entre a ficção e a psicologia social, para produzir um campo de reflexão e de prática acerca da assistência social no contemporâneo. Deslocamos, assim, o caráter representacional, neutro, classificatório e de submissão a um referente que se quer homogêneo, próprio dos saberes acadêmicos

erigidos durante a modernidade ocidental. A ciência moderna opera no plano de coordenadas (DELEUZE; GUATTARI, 1992), na busca de generalizações e replicações, de controle e previsão, em que o mundo se torna nítido, transparente, homogêneo. Ainda que seja fundamental ao homem produzir um saber capaz de previsão e controle, esse modo de relação não dá conta de todos os nossos problemas, de todas as nossas questões e desafios existenciais (COSTA, 2016). Contudo, há espaço no mundo também para outro saber, que quer permitir novas maneiras de pensar, multiplicar nossas maneiras de ser e de existir, de afetar e de afetarmo-nos na complexidade das existências.

Para esse outro modo de produção do conhecimento, que ultrapassa a definição estrita da ciência, é que necessitamos das artes como aliadas do pensamento. Pensamento para produzir desvio, singularidade e complexidade. Um pensamento que não exija tanta clareza e precisão, tanto controle e previsão à custa de generalizações e replicações que patrolam as sutilezas e complexidades do singular. Se o Plano de Coordenadas guiava-se pela produção de mundos coerentes, sem sobreposições, ambiguidades, paradoxos, imprecisões, fragmentariedades, incoerências, etc., o plano das artes é denominado por Deleuze e Guattari (1992) como “Plano de Composições” (p. 213), pois aqui não importa a coerência interna que provê aos objetos do mundo limites e localizações claras e bem definidas. No Plano de Composições, nosso objetivo é produzir novas afetações possíveis (COSTA, 2016).

A partir das problematizações e questionamentos da pesquisa, propomos uma “espécie de método delirante que não busca as verdades prontas, mas se enreda nas perguntas que acionam um emaranhado de operações conceituais e nos instrumentalizam para novas lógicas de ação.” (FONSECA *et al.*, 2010, p. 172). Nesse sentido, a pesquisa, a partir de uma perspectiva cartográfica que se apoia em bases conceituais da Filosofia da Diferença, pode auxiliar-nos ao criar redes entre conceitos e acontecimentos, bem como ao experimentar um plano de alteridade que liga pensamentos e afecção (FONSECA

et al., 2010). Tomamos a perspectiva cartográfica neste trabalho, certa postura ética, ontológica e epistêmica de articulação com o mundo na qual concebemos a realidade como trama rizomática de relações, que percorremos sempre de modo fragmentário em uma trajetória de tensionamentos e problematizações, em busca da multiplicação de possíveis.

Tal perspectiva coaduna-se de maneira estreita e imbricada com o uso da ficção como método, em especial quando consideramos o caráter inventivo e além do juízo dessa modulação da produção de conhecimento (FONSECA; COSTA, 2014; ROLNIK, 2011; FONSECA; KIRST, 2003). Queremos evidenciar aqui a perspectiva cartográfica como uma série de ferramentas metodológico-conceituais (abertas e flexíveis, sempre prontas à recriação) presentes nos autores da usualmente denominada Filosofia da Diferença (com especial destaque para Deleuze, Guattari, Deligny, Foucault, Espinosa, Nietzsche, etc.). Propomos um método de pesquisa que vai ao encontro de novos modos de pensar e olhar o mundo, apostando na desenvoltura do olhar e das práticas e operando com conceitos envoltos em complexidade e criação, longe de conceitos totalitários e modelos identitários. Aqui também não falamos de neutralidade, “pois não apenas a direção da pesquisa está plenamente modulada pelo pesquisador cartógrafo, como também o próprio desenvolvimento do campo e suas efetuações estão profundamente implicados pela pesquisa.” (FONSECA *et al.*, 2010, p. 176). Escrevemos, ou pesquisamos, aquilo que não sabemos ou aquilo que já não somos mais; pesquisamos aquilo que nos convoca e atormenta. Nesse jogo, pensamento e afecção imbricam-se em uma nova história, daquilo que já não somos mais e do que estamos nos tornando, tal qual uma invenção de mundos estranhos e abertos a fluxos nômades. “Uma pesquisa assim concebida, sem a pretensão de – descobrir ou de – revelar uma realidade ou um objeto dado, torna-se um poderoso, mas desprezioso, método de produção/invenção de conhecimento.” (FONSECA *et al.*, 2010, p. 176).

Na tentativa de romper com um paradigma da simplicidade que volta a atenção para o homogêneo ou para a clareza das coisas, direcionamos o olhar para os interstícios, isto é, para um meio híbrido que promove uma nova discussão e um olhar sensível sobre a vida. Assim, em vez de operar em uma lógica de síntese e análise, que divide o objeto para dele extrair suas ideias certas, apostamos nas complexas ligações que investem sujeito e objeto e transformam a ambos, uma vez que são traçadas outras conexões entre afetos e imagens. A partir desse modo de construção do olhar, a pesquisa também se volta para o intempestivo jogo dos sentidos e acontecimentos misturados, na tentativa de compor novas reflexões e mergulhos nos mundos que nos afetam (FONSECA *et al.*, 2010).

A matéria da arte, da ficção, são nossos próprios blocos de perceptos e afectos (DELEUZE, 1992), ou seja, o campo de afetações e percepções possíveis que se constituíram no decorrer de nossas experiências e que permitem a problematização-variação destas em novas virtualidades. Não são nossas experiências mesmas, os fatos vividos ou escutados, mas as virtualidades contidas nestes, seus delírios possíveis, aquilo que nunca aconteceu, mas poderia ter sido, mesmo que absurdo. Tomamos aqui, portanto, a dramatização de Leontina como dispositivo para problematizar e acontecimentalizar a trama de sensíveis, práticas, singularidades, experiências, afetos e percepções que constituem as políticas públicas: trata-se de um percorrer parcial e de um tensionar crítico em que a ficção funciona como heterotopia do vivido (FOUCAULT, 1984).

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolu-

tamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 2009, p. 415).

A história ficcional de Leontina, nesta pesquisa, não é uma história vivida, mas as percepções e afetações que constituíram um corpo neste trabalho: expressam as condições de possibilidade de experiência do corpo-profissional marcado pelas décadas de trabalho. São as percepções e afetações que o constituem, mas que aqui aparecem como outro espaço, uma heterotopia desse corpo, algo que ele não é nem nunca foi, a não ser como possibilidade. Uma heterotopia que produz um afastamento e um estranhamento, capaz de outros e novos efeitos nas práticas e discursos com os quais tal corpo opera no campo da assistência e em sua vida, promovendo a produção de novas afetações.

Nesse sentido, não nos interessam estados de coisas existentes ou definições gerais, mas sim a palavra tomada como ação, como relação no mundo. A ficção permite-nos imaginar mil mundos que não são, mas poderiam ser; permite-nos reinventar nossa realidade, independentemente das coisas existentes, para torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao emaranhar suas tramas com novas possibilidades de relação no mundo. Em vez de isolarmos os objetos em descrições formais que buscam a simplificação e verossimilhança, assumimos uma escrita perdulária que fala das potentes riquezas existentes e inexploradas no nosso encontro-mundo, dando forma aos acontecimentos e devires além de uma identidade fechada, pronta, estanque (COSTA, 2014).

O uso da ficção como estratégia agenciada com a problematização de um campo de pesquisa possibilita-nos a complexificação do objeto, dar densidade às suas virtualidades que não cabem nos limites postos por sua representação atual: ultrapassar a descrição estrita do dado, adentrando nos meandros fugidios dos acontecimentos e seu intrincado campo de possibilidades (COSTA, 2014). Assim, a própria escrita constitui-se aqui como campo empírico, servindo a deslocamentos

e transformações nos regimes de dizibilidade, performatividade, visibilidade, etc., tornando-nos capaz de outras palavras e fazeres hoje muito distintos dos de ontem.

Com a ficção, passamos da mera descrição do já visto para a problematização do visível, a qual nos permitirá a multiplicação das relações possíveis com o mundo, já que não estamos mais no campo do dado, mas no da criação do devir e do virtual: além dos preconceitos para com as invenções. No entanto, essa é uma diferença estilística que não implica decréscimo do rigor do pesquisador em suas relações com seu campo problemático; antes, exige dele ainda mais empenho em dar corpo ao incorpóreo, sem falsear a si no desvão de uma escrita sem consistência, que se perca nos ímpetus juvenis de criação ingênua (que se crê livre) e de loucura sem método (diferença pura que tenta isolar-se da repetição como modelo de diferir) (COSTA, 2014).

No que se refere especificamente às interferências promovidas entre os planos de coordenadas e composições (DELEUZE; GUATTARI, 1992), vemos a possibilidade do método da dramatização (DELEUZE, 2006) em articular elementos formalizados do campo das políticas públicas de assistência (categorias, normas, cristalizações de relações de poder assimétricas, conceitos como os de governo, dívida, etc.) com singularidades sensíveis dos blocos de perceptos e afectos (condições de possibilidade das experiências): as práticas gerais e os conceitos analíticos são contagiados por uma miríade de singularidades, tornando-se sensíveis e transversais ao geral ou particular, do mesmo modo que se demonstra a operação micropolítica dos conceitos e práticas gerais na trama de composições cotidianas. A relevância da ficção está na sua potência de produzir novas relações que deem corpo a problemáticas difíceis de serem apreendidas por meras descrições que se pretendem objetivas ou por conceituações que se pretendem gerais. Para lidar com o território das possibilidades, dos afectos e sensações, a ficção tem como aliada a sua libertação do juízo de verdadeiro e falso: ela discorre sobre um campo de possibilidades singulares, e não de certezas gerais (COSTA, 2014).

Mais do que delimitar um objeto preciso, queremos apresentar um campo de afetações possíveis, composição de uma nuvem de afectos e perceptos que nos possibilitem pensar nos efeitos, nas estratégias, e não apenas na designação ou referência. “Permite ao pesquisador leveza e agilidade em dar corpo para as virtualidades e sutilezas do campo de pesquisa que ultrapassem a objetividade do estritamente dado.” (COSTA, 2014, p. 561). Na tarefa de ficcionar, buscamos complexificar, provocar desvios na mera descrição, possibilitando a criação de coisas que não – devem ser, mas que – podem ser. A ficção e a poética podem servir especialmente por sua capacidade de não fechar os objetos em delimitações duras e totalizadoras, permitindo a ambiguidade, a obscuridade, o pensamento incoerente e inacabado, o que possibilita a criação de novas perspectivas, tornando ainda mais complexa a nossa trama de articulação com o mundo. “Por muitas vezes apenas a ficção e a poética conseguem cerzir relações entre perspectivas heterogêneas sem igualá-las, apenas imbricando-as em uma realidade singular.” (COSTA, 2014, p. 563). Dessa forma, vamos criando realidades possíveis que se compõem em uma trama que nos permite preender ao mundo sem o reduzir em sua complexidade. Tramas produzidas pelos personagens e seus cotidianos apenas possíveis, novas perspectivas complexas e singulares sobre nosso objeto de pesquisa (COSTA, 2014).

A escrita ficcional ultrapassa a ideia de produzir um território homogêneo por meio de identificações, definições e conceitos gerais para deslocar os sentidos da própria escrita acadêmica, não mais voltada somente para as representações que serão apreendidas por um processo de reconhecimento, mas também para a produção de territórios heterogêneos de articulação, onde o sentido dessa escrita acadêmica vai estar direcionado ao contágio, à “produção de afecções que provoquem o leitor a produzir novas experiências e problematizações sensíveis - inteligíveis a partir do encontro com o texto” (COSTA, 2014, p. 572). Assim, a escrita aqui acontece nas tramas e interstícios de construção e execução da própria política de assistência, na mesma

medida em que a construção de Leontina neste texto permite operar as problematizações, não do exatamente vivido nestes anos de trabalho, mas tensionando o vivido para produzir novas possibilidades de experiências.

As Memórias Inventadas como operadores do campo problemático: duração e experimentação de si

Ficcionalizar a experiência de 20 anos na assistência social com Leontina possibilita reescrever a própria história da assistência a partir de suas outras possibilidades: não se trata de narrar o que houve, mas de tensionar o campo de possibilidades do que poderia ser, do que poderia ser dito, feito. O corpo da profissional que se reescreve pela ficção é pensado aqui como um campo de possibilidades de afetações-percepções e pensamentos, tendo suas condições de possibilidades deslocadas pela experimentação ficcional e delirante (COSTA, 2014). No entanto, são exatamente tais condições de possibilidade do afetar-perceber e pensar, erigidas em 20 anos de agenciamentos com as máquinas da assistência social, que servem aqui de matéria-prima para tal experimentação: é com esse corpo e nesse corpo concebido como potência de experiência e pensar que a escrita experimental opera. Assim, a ficção como método (COSTA, 2014) articula-se com o plano intensivo das condições de possibilidade da experiência, e não com o campo extensivo das atualidades ocorridas: opera mais com as virtualidades do possível do que com as atualidades do passado. As histórias vividas durante 20 anos de trabalho na assistência adentram aqui como acontecimentalização das condições de possibilidade de afetação, como experimentação, tensionamento e invenção do corpo e sua capacidade de criar possíveis, posto que é por meio deste e de seu bloco de perceptos e afectos (DELEUZE; GUATTARI, 1992) que ficcionamos outras histórias possíveis, as quais tensionam e problematizam a própria trajetória desse corpo-profissional da assistência.

Erige-se aqui, então, a singular estratégia metodológica das Memórias Inventadas como modo de articular o campo problemático abordado (endividamento como governmentação da pobreza na assistência social) por meio da ficção (COSTA, 2014), do delírio (FONSECA et al., 2010), da Biografemática (FONSECA et al., 2015), da autoetnografia e da autoficção (PEREIRA, 2009) agenciados pelo conceito de memória e de invenção conforme sua acepção bergsoniana (BERGSON, 1999). Assim, como já deve ter ficado nítido nas páginas anteriores, estabelece-se aqui uma singular relação entre escrita e verdade: a escrita não é representação de um referente real, não operando como testemunho do vivido ou comunicação do dado; no entanto, isso não exige tal escrever de uma afirmação de articulação com o real e a verdade. Afinal, partindo do princípio de que o real é criação e de que a verdade é ficção possível (COSTA, 2012), sendo tal realidade-verdade da ficção afirmada na complexidade da concreção das linhas especulativas desta (SAER, 1997), temos, na metodologia das Memórias Inventadas, a ancoragem da sua produção na consistência da própria memória.

Porém, memória não é tomada aqui em sua acepção de arquivo espacializado de fatos representados em unidades de informação referentes a eventos passados, mas como um processo de invenção constante e sempre variável do presente como duração (BERGSON, 1999). Memória não se refere a um registro na cera que serve de molde para a produção de lembranças que reproduzem impressões passadas; mais que isso, memória é uma ação inventiva, um processo criador no qual as singularidades vividas são matéria-prima da criação inventiva dos sentidos do presente: “como diz Bergson, não vamos dos sons às imagens e das imagens ao sentido: instalamo-nos logo de saída em pleno sentido.” (DELEUZE, 1975, p.31).

O corpo que viveu 20 anos como profissional da assistência não serve de repositório de fatos e dados, mas como linhas de força que delimitam condições de possibilidade para a criação, ou seja, virtualidades em processos de atualização: “nós só percebemos, praticamente, o passado, o presente puro sendo o inapreensível avanço

do passado a roer o futuro” (BERGSON, 1999, p. 176). As condições de possibilidade da experiência do plano de composições desse corpo são suas virtualidades como condições de possibilidade da invenção na escrita ficcional que tensiona e experimenta além do vivido. Memórias Inventadas, desse modo, tornam-se um pleonasma que busca reforçar o caráter de criação, de virtualidade inventiva desse constructo que aqui serve de principal reservatório de possíveis para a ficção – afinal, a escrita se dá na operação de dobragem da pesquisadora-narradora sobre seus 20 anos como profissional da assistência em uma reinvenção de si.

O desenvolvido nessas Memórias Inventadas não foi o vivido como profissional da assistência; não se trata de histórias e pessoas encontradas no passado: não se trata de memórias de casos, mas da experimentação do que tal memória é capaz de criar e pensar a partir das afetações que as histórias e pessoas produziram na pesquisadora. Certamente, os casos passados estão presentes nessas histórias, mas não como versões, e sim como condições de possibilidade do dizer, ver e pensar. Eles adentram como delimitadores relacionais das condições de possibilidade da experiência, as quais são tensionadas e reinventadas pelo exercício ficcional como um cuidado de si (FOUCAULT, 2004) que promove o rearranjo inventivo das virtualidades e aposta na reinvenção do vivido próprio da memória como criação na duração, e não como arquivo representado (BERGSON, 1999). As Memórias Inventadas são, portanto, narrativas ficcionais produzidas pela experimentação das condições de narratividade existentes no próprio corpo da profissional: vidas especulativas, mas reais, pois não são esta ou aquela vida, mas uma vida qualquer.

Trata-se de narrativas da infâmia (FONSECA et al., 2015) sem referentes estabelecidos: não falam de alguém atendido pela rede da assistência, mas de qualquer um que poderia ser por ela atendido. Não nos importa aqui o que houve de fato, no plano das atualidades; não interessam os eventos ocorridos, os referentes estabelecidos, os tipos biopsicossociais existentes, pois nosso foco são os efeitos de sentido, a torção do campo de possibilidades do dizer, ver e sentir,

a problematização do possível: ficção como heterotopia crítica (COSTA, 2014). A escrita da história de Leontina, com seus gostos e desgostos, suas angústias, sua subjetividade governada e endividada, é também a escrita da minha história de trabalho. Neste campo, Leontina e a pesquisadora/trabalhadora da assistência atravessam-se e confundem-se. Nós também somos Leontinas endividadas na vida contemporânea.

Leontina é uma Figura Estética (DELEUZE; GUATTARI, 1992) que nos permite utilizar o método da dramatização (DELEUZE, 2006) para expressar-deslocar os sentidos produzidos no agenciamento das muitas condições de possibilidade da experiência do corpo-pesquisadora. Ao escrever Leontina, problematizamos a prática, deslocamos o regime do dizível e visível nos cotidianos da pesquisadora, da trabalhadora e da cidadã. Desse modo, a ficção não é apenas uma forma de dar corpo à complexa trama de práticas e singularidades que operam as Políticas Públicas de Assistência Social no dia a dia. A ficção é também um exercício de uma escrita de si que transforma a potência do dizer ao acontecimentalizar (FOUCAULT, 2014) os modos de subjetivação. Leontina, mulher, mãe, trabalhadora, dona de casa, beneficiária do bolsa família e governada pela assistência, subjetivamente endividada. A pesquisadora, trabalhadora, mulher, mãe, estudante, dona de casa, governada pelos prazos, pelas tarefas, subjetivamente endividada. De nosso encontro com Leontina, pudemos nos aproximar subjetivamente para que nossas possibilidades de ação, de discursos e de práticas também possam ser outras.

As Memórias Inventadas e a ética como prática da liberdade pela experimentação de si

Como já foi explicitado nos argumentos acima, a operação das Memórias Inventadas possui uma importante dimensão de cuidado de si (FOUCAULT, 2004), posto que se trata de um constante movimento de suspensão, tensionamento, deslocamento das lógicas, modos de fazer, etc. que operam nossos juízos cotidianos e modulam

nossos modos de existência no dia a dia. Assim, por articular-se com o Plano de Composições e seus blocos de perceptos-afectos, por operar heterotopias críticas sensíveis que deslocam o próprio campo das condições de possibilidade do afetar e ser afetado, por reapropriar-se da própria memória como dispositivo de invenção e desassossegá-la de seus territórios e estrias constituídas – por todos esses motivos e outros antes expostos, aqui o labor de pesquisar se faz mais amalgamado ainda aos processos de (re)dessubjetivação. Lançar-se em uma aventura etográfica de experimentação e (re)escrita de si não é uma empreitada simples, muito menos sem riscos.

Os dois anos da pesquisa foram um período de intensas e constantes problematizações, tanto no âmbito da investigação, quanto em agudos deslocamentos no modo como o corpo experimentava sua labuta diária. Ao longo desse período, os desassossegos da experimentação de outros olhares possíveis ao tensionar as perspectivas cotidianas pela ficção tornaram-se inquietações cotidianas que foram transformando crescentemente o fazer profissional. A experiência que antes era relativamente tranquila no dia a dia da execução das políticas passou a ser constituída por intensos e permanentes solavancos, debates e tensões que constantemente se colocavam na execução da política de assistência social.

O ponto de tensão chegou a intensidades insuportáveis, em que o banal se tornara inaceitável devido aos contínuos procedimentos de deslocamento-acontecimentalização dos regimes de aceitabilidade que estriavam as práticas cotidianas das políticas de assistência. Ao final do primeiro ano da pesquisa, uma questão apresentava-se: continuar ou desistir? Não era mais possível simplesmente executar as funções de uma psicóloga/coordenadora do CREAS que ao mesmo tempo atendia famílias vítimas de violência e coordenava o serviço, acompanhando o trabalho da equipe técnica e controlando relatórios, ofícios e memorandos administrativos, endividada em meio ao excesso de tarefas. Mas qual era o campo de possibilidades então? Que trabalho era possível depois de tantas problematizações e deslocamentos provocados pela escrita de

Leontina que reescrevia a profissional? Assim como o campo de possibilidades da experiência se deslocara, havia um imperativo de deslocar as práticas. Desse modo, depois de 15 anos em cargos de coordenação/gestão na política de assistência, a profissional solicitou seu desligamento da gestão para ocupar somente o posto de psicóloga no CREAS.

Essa transformação buscava dar conta das angústias e inquietações, que aumentavam à medida que o olhar se deslocava e percebia a si mesmo cooptado por uma trama de operações moduladas por uma Razão de Estado neoliberal. Muitas foram as novas formas de visibilizar e dizer emergidas desde uma mirada genealógica e sensível promovida pela escrita de Leontina: a política de assistência repetindo no contemporâneo ações caritativas, assistenciais, benevolentes e beneméritas que foram sendo construídas há mais de três séculos; as ações dos trabalhadores do SUAS comumente atravessadas por julgamentos morais; lógicas de uma racionalidade neoliberal (consumista, individualista, endividada, etc.), somadas a estratégias disciplinares e pastorais, atravessando a atuação dos gestores e trabalhadores da assistência; constatação de que políticas de direitos estão seriamente ameaçadas frente a uma lógica neoliberal consumista e individualista que pretende garantir a concentração das riquezas. Tudo isso ainda assusta, paralisa, trava a escrita, põe em suspensão a vida, mas também obriga a pensar e buscar outras saídas, outros movimentos, outras brechas, outras rupturas, outras ações micropolíticas.

Quais são as lutas de agora? Como lutar? São perguntas que pulsam e invadem a vida mesma, mas que só seguirão sendo deslocadas em novos momentos, a partir de outros caminhos de trabalho e de investigação. Os tensionamentos que a escrita provocou na pesquisadora desacomodaram essa trabalhadora, que iniciou na assistência social em junho de 1993, há mais de 26 anos. Voltar para a “ponta do serviço”, mudar os modos de trabalho, experimentar e inventar novos dispositivos foram algumas das linhas da pesquisa e sua metodologia aqui apresentadas (CUNHA, 2017), que hoje ainda seguem suas reverberações e variações nas tramas cotidianas.

Referências

BERGSON, H. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal - Revista de Psicologia*, Niterói, v.26, n. especial, p.551-576, 2014.

COSTA, L. A. Compondo subjetivações biografemáticas: a arte como dispositivo nas práticas em saúde mental. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/3942/4617>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

COSTA, L. A.; FONSECA, T. G. O Personagem Conceitual e a poética ficcional: uma estratégia de escrita no empirismo transcendental. In: LEMOS, F. C. S.; GALINDO, D.; BICALHO, P. P. DE G.; OLIVEIRA, F. V. DE; SANTOS, I. DO C.; SANTOS, A.; ELMENESCAY, E. (org.). *Criações Transversais com Gilles Deleuze*: artes, saberes e política. 1 ed. Florianópolis: Editora CRV, 2016. p.132-152.

COSTA, L. A.; FONSECA, T. G. As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia. *Fractal – Revista de Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 415-431, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922013000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 abr. 2017.

CUNHA, A. R. *Memórias Inventadas do Endividamento*: governamento da pobreza. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CUNHA, A. R. *A política pública de assistência social*: uma trama. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Instituições em Análise) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. 1 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. *Conversações*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. p.219-226.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FELIU, J. Nuevas formas literarias para las ciencias sociales: el caso de la autoetnografía. Em: Revista Athenea Digital, Barcelona, 12, p. 262-271, 2007. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/447>. Acesso em: 25 Abril 2017.

FONSECA, T. G.; KIRST, P. *Cartografias e Devires: a construção do presente*. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FONSECA, T. G.; COSTA, L. A.; FILHO, C. C.; GARAVELO, L. M. C. Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetivação contemporânea. Em: Revista Athenea Digital, 2015. Disponível em: <https://www.google.com/>